

É O QUE CONTAM!



Barbosinha, pequeno grande prefeito

Arara, fala Barbosa!

O que seria de nós sem dona Nair?

O bairro sem ela não teria graça.

O canavial do Barbosinha

Vai roubar cana, é isso que dá.

João Tramoia

Sempre um lucrinho a mais.

Primeiro emprego

Aos 13, hora de trabalhar.

Tropa, olhar à esquerda

Eram as meninas sensuais da cidade.

Só passeia quem estiver limpinho

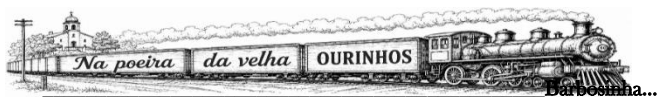
Sem televisão, um passeio com o pai.

Mais gêmeos? Me capa!

Doutor, me capa!

Vardemá Malero, outra

Fechar a zona, sonho de ser rico.



Cândido Barbosa Filho, prefeito de 48 a 51, foi icônico na cidade. Entre suas façanhas, está o calçamento da cidade. E a conquista de uma freira da Santa Casa, que deixou o hábito por ele e foi morar em outra cidade.

Barbosinha, pequeno grande prefeito

Joaquim Luiz Bessa Neto

Esta história foi contada pelo doutor Monteiro, que era vizinho do Barbosinha, no sobrado geminado na rua dos Expedicionários.

O Barbosinha tinha uma arara de estimação. Toda tarde, ele costumava colocar a arara na mureta do portão de sua casa e insistia:

- Fala: Barbosa! Fala: Barbosa!

Ana Lúcia Chiaradia

- Eu sou testemunha. Isso acontecia no entardecer, quando o Barbosinha vinha com a arara e se encostava no portãozinho de entrada conversando com quem passava. Todo dia.





- Na casa da frente, ficava o Seu Benício que também tinha sido prefeito de Ourinhos. O Benício era irmão da Dona Hercília, minha primeira professora.

Joaquim Luiz Bessa Neto

- Quando prefeito, e mesmo depois, o motorista dele, o Rolim, contava que o levava muitas vezes a São José do Rio Preto. Lá morava a ex-freira da Congregação da Imaculada Conceição, que tinha trabalhado por muitos anos na Santa Casa de Ourinhos.

- Ela era muito bonita, isso me lembro, eu ouvia as pessoas comentarem. Eu a chamava de 'Endiburga', mas o nome dela era outro.

- Ana, o seu Benício era o pai do Eurico Oliveira Santos, que foi nosso colega no IEHSO?

Ana Lúcia Chiaradia

- Era avô do Euriquinho.





Toda rua, todo bairro tinha sua figura típica. Dona Nair, que morava naquelas ruas empoeiradas da Vila Perino, era uma das mais conhecidas.

O que seria de nós sem dona Nair?

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

Dona Nair já levantava, ali pelas quatro e meia da manhã, varrendo o terreiro, que era mesmo uma terra só, levantando uma poeira que avermelhava o ar. A plenos pulmões, entoava os hinos da igreja:

- Segura na mão de Deeeuus, segura...

Ali, naquele pedaço da vila Perino, ninguém precisava de despertador. E o galo tinha perdido o emprego. A vassoura era de piaçaba, cortada no mato ali perto da estrada. Vassoura que ela mesma fazia.

Canja para a Rosinha

A Rosinha teve neném? A dona Nair atravessava a rua e lavava todas as roupas da casa. Nem precisava sabão: tinha feito sabão em casa, “semana passada mesmo”. Está “fresquinho e espuma bem”...





E a canja para a hora da janta, feita com galinha caipira, criada no terreiro? A dona Nair levava, fumegante. Cheirava no quarteirão inteiro.

- Quero ver se a Rosinha vai dar leite pra o menino crescer gordo e forte!

Cadê o Paulinho?

- Paulinhoooooo!!

Com o povo acordado e os vizinhos atendidos, dona Nair tinha outras preocupações:

- Eu vou cuidar de achar o Paulinho que desde a hora do almoço que não vejo esse menino! Deve de tá aprontando alguma por aí.

- Eu nunca vi, esse menino não toma jeito, só sabe fazer arte. Pra ele parar em casa, tenho que esconder as roupas dele.

Muda de assunto:

- Sabe, eu tenho um irmão que é rico!

- O pai das minhas filhas é dono de circo. É um circo grande, desses que tem malabarista, trapezista, globo da morte, palhaço de monte. Leão, elefante. Ele mandou uma carta. Falou que, ainda esse ano, vem pra Ourinhos ficar um tempo com o circo aqui.

- Paulinhoooooo!





O canavial do Barbosinha

Carlos Ostronoff (Mocho)

Uma das atividades das minhas molecagens era roubar cana diretamente dos canaviais.

Diversas vezes fui exercer essa perigosa aventura com o Joel Guardiano, um herói cujas façanhas estão contadas no fim desta antologia.

O Hotel Líder, que ficava ao lado da minha casa, era morada de caixeiros viajantes e famílias que lá permaneciam até conseguir uma casa. Fiquei amigo de um garoto, filho de uma dessas famílias, que tinha o mesmo vício que eu: roubar cana.

Um dia, ficou sabendo que havia uma casa lá no caminho do Bosteiro do Rio Pardo, que tinha uma plantação de cana caiana.

Era, realmente, coisa de primeira.

Quando acabamos de desferir o primeiro golpe sobre a preciosa vítima, um “vurto” me bateu nas costas com ar de mau humor e repreensão.

Era o Barbosinha, dono da propriedade.





João Tramoia

Agenor Rossignoli

E existia o João Tramóia. O nome diz tudo.

Andava ali pelos sítios e fazendas de São Pedro do Turvo, que é vizinha de Ourinhos. Se você estivesse vendendo alguma coisa por 100, ele trazia um comprador, oferecendo uma pechincha por 120.

O Tramoia sabia argumentar. E tinha carisma, assim tipo Lula. Vivia disso.

Pois lá um dia um caboclo queria vender 50 cabeças de gado. O Tramoia apareceu, mas, desta vez, com um comprador que oferecia um preço menor. Negociação assim, lá na roça, dura de metade do dia a dia inteiro. Logo juntou a peonada em volta, assistindo.

O vendedor, casado há dois anos, não sabia que sua honrada senhora tinha sido a paixão da vida do Tramoia. Conversa vai, conversa vem, o Tramoia convenceu o comprador a pagar o preço pedido. Aliás, até um pouquinho mais.

Mas com uma condição: o vendedor tinha que incluir a mulher dele no negócio.

A peonada em volta seguiu a garrucha e a peixeira em tempo de evitar mortos e feridos.





Primeiro emprego

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

- Preciso ir no Bradesco, pegar dinheiro.

- Eu vou junto.

- Então vamu, que eu preciso vortá logo.

O pai trabalhava na Rede. Ganhava bem, mas já estava na hora da mais velha trabalhar.

- Olha fia vamu procurá um emprego pra você.

- Onde mãe?

- Aqui nessa loja, ó. Parece bom trabaiá aqui.

Entrou na Ouriloja, falou com o dono, Celso Silva, filho do seu Romeu Silva, gerente do cinema.

- Mas ela parece muito criança!

- Não, logo faz 14. É esperta, sabe bem fazê conta, já tá na terceira série. Muito trabaiadeira.

Não se arrependeu. Com 14 anos eu já tinha carteira assinada. E o patrão virou amigo da família.

A legislação permitia que crianças com 14 anos já pudessem trabalhar. E era hábito colocar os filhos, logo cedo, para “aprender ofício”. Mesmo em famílias que “não precisavam”.





Tropa, olhar à esquerda!

Agenor Rossignoli

Lembro que era domingo, duas horas da tarde, fim do exercício do Tiro de Guerra, no Rio Pardo.

Eu era o comandante do primeiro pelotão. Vínhamos marchando, todo mundo com fome.

De longe, vi duas mocinhas no portão de uma casa. Eram a Diana e a Dália, duas irmãs que eram o que hoje a gente chamaria de precocemente erotizadas. No jardim ou no cinema passavam pelos moços suspirando sensualmente e exalando feromônios.

Em frente à casa, dei voz: Olhar à esquerda!

A turma gostou, mas o sargento Seixas odiou. Deu mais uma hora de castigo. Canguru e flexão.

Se a Diana e a Dália por acaso lerem esta história, espero que gostem dos nomes que escolhi para preservar sua privacidade.

A mãe das duas meninas era a “filial” de um alto funcionário da cidade. Na “matriz”, tinha uma esposa, gorda, cheia de filhos. As visitas à “filial” eram, dizia-se, muito calorosas. Naquelas paredes finas, as meninas teriam, desde cedo, desenvolvido sua libido. E o doutor Urias não perdoava: fugiu da cidade com uma das filhas, a Diana.





Só passeia quem estiver limpinho

Vera Lúcia Mandolini Marcatti

- Vamu. Fila pro banho. Já são quase cinco horas. Corre que daqui a pouco toca a sirene...

- Vera, nada de ficar cantando no chuveiro, molha o corpo, esfrega a sola do pé, que tá encardida.

- Vera!! Tem mais quatro pra tomar banho!

- Zé Roberto, cadê você?

- Eu não preciso tomar banho mãe, tô limpo, tô de chinelo, aí ó, o pé tá limpinho.

- Entra no banheiro moleque!!!!

- Anda logo, a sirene da Rede já tocou.

Era assim. A sirene tocava, o pai logo estava em casa. Era sua vez de tomar banho. Aí, vinha o passeio. Quem estivesse limpinho, podia ir junto.

Sem televisão, o passeio era andar pela vila Perino, ir até a estrada, sentar, ver os carros passar.

E era muito bom.





Mais gêmeos? Me capa!

Ana Lúcia Chiaradia

O baterista da orquestra do Lino, o Ramiro, que tinha um bar logo no primeiro quarteirão da Barra Funda, muito divertido, animava a reunião.

Casado e tinha muitos filhos. E não poderia ser diferente: sua mulher sempre tinha gêmeos.

Não sei quantos.

Numa visita ao médico, com a mulher grávida, o doutor avisou: sempre que a mulher engravidasse de novo viriam gêmeos.

Na saída do médico, com a sala de espera cheia, despediu-se do doutor e bem alterado disse:

- Doutor, se for pra ter gêmeos toda vez que minha mulher engravidar prefiro cortar o saco.

Isso tudo ele contou, na roda do ensaio da orquestra. A turma, às gargalhadas, não perdoou e o apelido pegou:

- E aí, capão, tudo bem?





Vardemá Malero, outra

José Petit Rodrigues

Esta história quem contava era o Arnaldo Abuhamad, do Bar Central e do Restaurante Ypê.

Um dia, Vardemá Malero, figura pública na cidade, ganhou na loteria e foi comemorar no K1, famoso bordel na Ponte Mello Peixoto, na beira do Panema, divisa com o Paraná.

Eufórico, endinheirado, ordenou:

- Fecha a casa!

Era uma ordem sempre acolhida com muita alegria por aquelas esforçadas trabalhadoras. Afinal, alguém pagaria todas as contas da noite. Vardemá teve a noitada que pediu a Deus (a Deus?...).

Dia clareando, acertou as despesas, chamou um táxi e voltou à vidinha de maleiro, ganhando um troco aqui, outro ali.

Mas bateu a saudade e ele voltou ao K1. Alegria geral. Nem precisou mandar fechar a casa. As senhoras da casa fizeram isso e a festa comeu solta.





Vardemá Malero, outra...

Só um detalhe: Vardemá não tinha mais bilhete premiado. Quando muito, o dinheiro contado para uma simples passagem pela casa.

O Arnaldo não sabia como terminou tudo. O que se sabe é que Vardemá continuou vivo desfilando pelos eventos ourinhenses.

Vardemá Malero era figura pública em Ourinhos. A cidade, como entroncamento ferroviário, tinha muitas pensões, para atender viajantes em trânsito. Cada pensão tinha o seu maleiro, que ficava na porta da estação disputando os potenciais hóspedes. Eram profissionais registrados na Prefeitura, usavam um boné, onde aparecia seu número de identificação. Tinham que se vestir conforme um código e usar, pelo menos, paletó. Vardemá, fora dos horários dos trens, circulava elegantíssimo por todos os eventos da cidade.

